

Notícias de Guimarães

Ano 17.º N.º 862
GUIMARÃES, 8 de Agosto de 1948
Red. e Adm., R. da Rainha, 50-A. Tel. 4919
Comp. e Imp., Minerva Vimaranesa. Tel. 4177
Visado pelo Conselho. Avença

Director, editor e proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Foi Guimarães visitada, no decorrer das suas festas tradicionais, por um número incalculável de pessoas, vindas de todos os recantos de Portugal, e que por certo retiraram levando consigo uma perdurável impressão da nossa Terra, que lhes proporcionou horas de verdadeira alegria e deslumbramento.

Tudo correu com aquele vibrante entusiasmo que os vimezanenses sabem imprimir aos seus actos, merecendo justos louvores de toda a gente — da gente que se quedou horas a admirar a fisionomia da cidade e os números de um programa que se impunha pelo seu valor e pela sua impecável organização.

Assim e uma vez mais a cidade cumpriu!

As Feiras Francas

Depois da alvorada festiva de Sábado iniciaram-se no L. da República do Brasil e ao longo da Av. D. João IV as importantes Feiras Francas — as maiores de entre as maiores. — O Concurso Pecuário organizado pelo Grémio da Lavoura da presidência do Sr. Cap. Magalhães Couto e sob o patrocínio da Direcção Geral dos Serviços Pecuários e da Junta Nacional dos Produtos Pecuários, realizou-se no recinto do Mercado Municipal. Olhando à importância deste concurso, que adquiriu justificada fama entre os lavradores, foi considerável o número de concorrentes não só do concelho de Guimarães, mas, também de Fafe, Póvoa de Lanhoso, Felgueiras, Famalicão, etc. O júri — composto pelos srs. dr. João Beza Ferraz, dr. João Baptista da Silva Freire, dr. João Carvalho, dr. Manuel Garcia, dr. José Pedro do Rosário e João Ribeiro Dias — atribuiu as seguintes classificações:

Touros reprodutores — 1.º prémio, Albino Alves, 500\$00; de Fafe; 2.º prémio, António Fernandes de Araújo, 500\$00, de Fafe; 3.º prémio, João Henrique, de Guimarães, 300\$00.

Vacas de Criação e Trabalho (isoladas) — 1.º prémio, Albino Alves, 500\$00, Fafe; 2.º prémio, João Leite da Silva, 400\$00, Fafe; 3.º prémio, José Luís Ribeiro Vieira de Castro, 250\$00, Fafe; 4.º José de Faria, 200\$, Guimarães; 5.º Joaquim Fernandes de Araújo, 150\$00, Fafe; 6.º António Matos, 100\$00, Famalicão.

Vacas de Criação e Trabalho (Junta) — 1.º prémio, António Fernandes de Araújo, Fafe, 500\$00; 2.º Joaquim José Pereira, Póvoa de Lanhoso, 400\$; 3.º António Matos, Famalicão, 250\$; 4.º Manuel Sabóia, Felgueiras, 150\$; 5.º Manuel Faria, Guimarães, 100\$00.

Bois de Trabalho (Junta) — 1.º prémio, Joaquim Ribeiro da Silva, Póvoa de Lanhoso, 400\$00; 2.º Rufino Cardoso, Guimarães, 300\$00; 3.º Manuel Pereira de Lima, Guimarães, 200\$00; 4.º Joaquim de Macedo, Guimarães, 100\$00.

Novilhos de Trabalho — 1.º prémio, João Abreu, Guimarães, 300\$00; 2.º José António Fernandes, Guimarães, 200\$00; 3.º Hilário de Lima, Póvoa de Lanhoso, 100\$00.

Vacas Turinas (criação e produção leiteira) — 1.º prémio, Jacinto Costa Ribeiro, Felgueiras, 500\$00; 2.º José Torcato Ribeiro Júnior, Guimarães, 300\$00; 3.º João Fernandes Ribeiro, Guimarães, 200\$00; 4.º Seminário da Costa, Guimarães, 100\$00.

Suínos Raça Bísara (porcas de criação alfeiras ou afilhadas) — 1.º prémio, Olívia Alves, Guimarães, 300\$00; 2.º José de Oliveira, Guimarães, 200\$00; 3.º Francisco de Oliveira, Guimarães, 150\$00; 4.º Joaquim de Almeida, Guimarães, 100\$00.

Carranos — 1.º prémio, Manuel Novais Fernandes, Guimarães, 400\$; 2.º Avelino dos Santos Pinheiro, Fafe, 300\$00; 3.º Manuel Joaquim Vaz Monteiro, Fafe, 200\$00.

O Cortejo Regional

O Cortejo Regional verdadeira parada em que a vida da lavoura se nos apresentou com todos os seus aspectos, mostrando-nos as suas horas de maior faina e os momentos de grande alegria, começou a desfilar pela cidade às 11 horas de domingo. Etnográfica e folclóricamente falando, o Minho está presente. São dezenas os carros alegóricos e milhares os rapazes e raparigas, homens e mulheres que, assemelhando-se, na sua simplicidade e ingenuidade, a imagens aparecidas em refulgência de

Depois das Festas da Cidade

Notas ligeiras de reportagem à volta das inesquecíveis "Gualterianas,,. As Feiras, os Festivais, o Cortejo Regional, a recepção às individualidades Espanholas e à Banda de Zaragoza, a merecida homenagem ao Prof. José de Pina, as Toiradas, a Marcha, a Procissão

glória, vão dar corpo e emprestar vibração ao espectáculo que é síntese da vida rural, na qual se firmam, como em esteio forte, os camponeses que bailam aqui, na cidade, com avontade e singeleza como se estivessem cativos da terra nos seus idilios bucólicos.

A marcha é garrida. Os fatos gritam nos ossos. Só de Pevidém — vaidosas, dentro dos seus trajos regionais, com o perfume das flores a evaporar-se dos cestos enfeitados nos jardins, nos campos, nas suas casas e nos montes de vegetação bravia — vieram quase mil mulheres para o cortejo. Outras localidades, apareceram outras tantas. Por isso, foi-nos dado apreciar um espectáculo todo deslumbrante e todo sonho — sonho e deslumbramento que não faz mal porque a gente respira com volúpia o segredo dos perfumes, todo vivificante, hábito de hipotética Primavera neste Verão suave e doce, por vezes sem sol, beneficiado pela frescura das brisas que o Norte exporta.

As festas dão acordo de si com o gemido das cordas das violas, os protestos ensurdecedores das bombas, a suavidade de sons das harmónicas, a agudeza estridente dos ferrinhos e as rimas cantadas pelas bocas frescas das moçoilas:

*Pus-me a pé de madrugada,
Ao cantar do rouxinol;
Fiei uma maçaroca,
Até ao nascer do sol.*

Outras cantigas são lembranças de amor que saíndo da tranquilidade vida entre arvoredos e sussuros dos rios, vêm até à cidade, onde as sensações da vida, diferente e mais tumultuosa, não prejudica ou altera a couraça preservadora dos costumes ancestrais dos aldeões sentimentais. É difícil encontrar adjetivos para a valorização literária do cortejo regional, eloquente, expressivo, que reuniu as melhores projecções de luz, movimento e colorido e que foi apoteose à terra, ao pão, ao vinho, às flores, aos frutos, às árvores frondosas e ao pano vegetal nascido nos seus campos e depois tratado pelas suas mãos calosas, privilegiadas:

*Quem me dera ser o linho
Que vós na roca fiais;
Quem me dera tantos beijos
Como vós no linho dais.*

O desfile do cortejo pelas ruas de S. Dâmaso, Largo 28 de Maio, Toural, Rua de Santo António, Rua de Gil Vicente, Rua de Paio Galvão e Avenida de Alberto Sampaio, demorou cerca de uma hora e meia.

As janelas estavam cheias de pessoas e nas ruas a multidão aglomerava-se, não regateando elogios e aplausos. De todas as representações, a menos teatral mas que, talvez por isso, deu nas vistas e conquistou mais vibrantes ovações, foi a dos humildes e modestos moleiros do Ave e do Selho.

O cortejo teve a ordem a que já nos havíamos referido em número anterior.

A calorosa recepção à Banda Militar de Zaragoza e às Autoridades Galegas

A Banda Militar de Zaragoza e as individualidades Galegas que nos visitaram, foram aguardadas no limite do Concelho pela Comissão das Festas e numerosas individualidades. A recepção que lhes foi feita pode considerar-se triunfal. No Largo do Proposto juntaram-se milhares de pessoas, que delirantemente aclamaram os visitantes. Pelas ruas do percurso engalanadas — foram lançadas sobre a embaixada espanhola, por mãos de gentilíssimas senhoras muitos papéis — milhares e milhares de papéis numa chuva constante — com as cores nacionais espanhola e portuguesa e com as cores da cidade, sendo vibrantes as aclamações e as palmas da multidão que pejava as ruas.

bandas de música — a dos Bombeiros Voluntários de Guimarães e a dos Bombeiros Voluntários Portugueses — e as bandeiras de muitas colectividades vimezanenses.

A Embaixada Espanhola era constituída pelos Tenente Alcaide de Santiago D. Juan Miguel Daporta Guzaiz; D. Castor Prieto Rodriguez e sua esposa e filha Senhora Maria Rodriguez Prieto e Senhora Glória Blanca Prieto Rodriguez; Cap. D. Angel de La Cruz Madrigal e esposa Senhora Carmen Trastcy de Cruz; Eng.º D. Juan Portela Saijo, Director da Escola Elemental del Trabajo; Dr. Marcial Fernandez Vilas e D. Fermim Descansa Martinez, Directores do Casino de Santiago.

Na Câmara Municipal

Na Câmara Municipal, onde eram aguardados por pessoas de representação, deu as boas-vindas aos visitantes o sr. dr. Augusto Cunha, presidente da edilidade vimezanense, que pronunciou o seguinte discurso:

Sr. Alcaide
Minhas Senhoras
Meus Senhores

As minhas primeiras palavras são de homenagem à nobre nação espanhola, a que nos ligam fraternos laços de amizade, e às excoelzas virtudes do seu Chefe — Sua Ex.ª o Generalíssimo Franco.

Os meus agradecimentos a V. Ex.ª Sr. Alcaide de Santiago de Compostela, figura bem representativa da Espanha contemporânea, pela honra da sua visita, a quem apresento as mais efusivas saudações em nome da Câmara Municipal de Guimarães, a que tenho a honra de presidir, extensivas a todas as personalidades que nos quiseram manifestar a sua simpatia nesta hora altamente festiva para todos nós.

É com sincero júbilo que, em nome da cidade de Guimarães — a mais portuguesa de todas as cidades de Portugal — saúdo a cidade de Santiago de Compostela, recordando as suas tradições que se esvaem num passado tão longínquo, o esplendor da sua Catedral, envolta num silêncio tão penitente, a erudita austeridade dos seus claustros universitários, que desde há muito me habituei a admirar e a respeitar. É altamente honroso para a nossa terra a visita que V. Ex.ª nos fazem, nesta hora em que o mundo permanece numa ansiedade cujo fim é ainda assás nebuloso.

Portugal e Espanha, nações independentes, souberam sempre unir-se quando o perigo ameaçava a civilização e a cultura que criaram e que es-

toicamente têm procurado defender. Espanhóis e portugueses encontram-se hoje, mais do que nunca, bem unidos pelos laços que provêm de raça e de religião, estreitados na comunhão no mesmo sentimento e no culto da mesma tradição.

Faço votos bem sinceros para que o sentimento que une os dois povos da Península perdure e se torne cada vez mais forte para bem da civilização cristã.

Ao apresentar a V. Ex.ª os empenhamentos de boas-vindas, manifesto o mais veemente desejo de que os nossos ilustres visitantes levem desta cidade iguais impressões às que trazem todos os portugueses ao visitar terra espanhola.

Seguiu-se no uso da palavra o sr. António José Pereira de Lima, presidente da Comissão Executiva das Festas da Cidade, que saudou calorosamente os visitantes.

O dr. Juan Miguel Gonzalez, tenente Alcaide de Santiago, agradeceu a recepção, em termos bem sinceros, terminando por afirmar que o deixou seriamente surpreendido e desvanecido o acolhimento da população do Berço da Pátria Portuguesa. E no meio de entusiásticas aclamações terminou a recepção no Município, dirigindo-se o cortejo em seguida ao Grémio do Comércio de Guimarães, onde pelo respectivo presidente, sr. António Emílio da Costa Ribeiro, foram dadas as boas-vindas aos visitantes, nos seguintes termos:

Ex.ª Sr. Alcaide do Ayuntamiento de Santiago
Dignísimas Autoridades Cívicas e Militares
Minhas Senhoras e meus Senhores

Na minha qualidade de Presidente da Direcção do Grémio do Comércio de Guimarães, tenho a honra de apresentar a V. Ex.ª cordiais cumprimentos de boas vindas a esta casa — centro de toda a vida comercial de Guimarães, e junção de todos os esforços, que de boa vontade realizam, animam e divulgam as nossas Festas Gualterianas.

Com efeito, não devia o Grémio do Comércio de Guimarães deixar que este momento passasse despercebido para vos poder vincar quanto lhe foi fraternalmente grato o modo, o carinho e a amizade com que distinguidos e distinguidos de vimezanenses que foi a Santiago pedir a vossa colaboração nas Festas da Cidade.

Não o esquecerá jamais Guimarães, dado que em nossa terra não é fácil esquecer o bem que nos fazem, mas, o que o Grémio do Comércio pretende

é dizer-vos da sua gratidão e indicar-vos que vivais estes dias entre nós como se na vossa terra encantadora, na formosa Galiza, estivesseis a viver. Guimarães é, neste momento, a vossa Santiago.

E, na realidade, as ruas medievais de Guimarães, os seus monumentos cheios da patine dos séculos e de glórias nacionais, seus amplos largos e suas casas em perfeita comunhão de épocas e de estilos, sua vida religiosa, documentada por tantas torres encimadas pela cruz e crença arraigada nas almas, podem contracenar com as vossas velhas calles, as vossas relíquias históricas e religiosas — a vossa Catedral de Santiago e a intelectual Universidade — os vossos solares imponentes e também a vossa crença incluída na mesma crença religiosa.

Compostelanos e vimezanenses dão-se de novo as mãos num nobre estímulo de fraternal devoção, avaliando-se a exaltação de alegria com que o fazem.

Viver é mais que gozar o exterior com que tropeçamos. É sentir e manter o culto da dignidade humana, é saber afirmar em grandezas os anseios de amor infinito e é conceber em doutrina moral o que significa a comunhão entre os povos.

Os fortes laços que nos ligam tornar-se-ão num elo eterno, assim como eternas são as nossas duas Pátrias.

Por todos os motivos que nos unem, não vos considereis estrangeiros neste convívio — tende a certeza de que vos estimamos — e aceitali nesta vossa casa um abraço fraterno, de irmão para irmão, que se não encontravam há tempos.

Arriba a Espanha! Arriba a Espanha! Arriba a Espanha!

Na sede da mesma colectividade que ostentava uma vistosa decoração, foi servido um Porto de Honra que deu motivo a calorosas saudações.

Aos visitantes foram, então, oferecidos também pelo Grémio do Comércio algumas lembranças de Guimarães.

Homenagem ao Professor José de Pina, o devotado Bairrista

O dia de segunda-feira foi consagrado, no seu começo, a duas figuras notáveis — das mais notáveis que Guimarães tem tido no número dos seus filhos. Assim, logo de manhã e no cumprimento de um dever que todos os anos neste dia os briosos empregados do Comércio sabem observar com verdadeira religiosidade, realizou-se uma romagem ao Cemitério, sendo desfolhadas flores na campa do inextinguível Padre Gaspar Roriz, cuja memória foi por todos os presentes saudosamente evocada.

Depois e nos Paços do Concelho prestou-se significativa e eloquente homenagem ao Professor José de Pina. Alma de eleição, homem de carácter, espírito desempeirado, trabalhador infatigável e bairrista que teve como igual, em tempos distantes, o Padre Roriz e pouco mais, o prof. José de Pina bem mereceu a homenagem e a medalha de ouro da cidade, que é o máximo galardão que um homem pode conquistar como agradecimento da sua terra.

José de Pina, bairrista, amigo de todos, servidor de instituições beneficentes e culturais, comandante dos bombeiros, professor do Liceu, que ministrou ensinamentos a muitas gerações e que não tem — que conste — um único inimigo, merecia bem a homenagem.

A sessão solene assistiram representações dos Bombeiros Voluntários de Lousada, Póvoa de Varzim, S. Mamede de Infesta, Felgueiras, Lixa, Caldas das Taipas, Braga, Amarante, Famalicenses, Guimarães, Famalicão, Porto, Portugueses, Ponte de Lima, Vizela, Fafe, Barcelinhos, Régua, Arcos de Valdevez, Celorico de Basto, Póvoa de Varzim e outras que mandaram pronto-socorros e os seus estandartes.

Na sala vieram-se dezenas de pessoas de alta categoria social e de represen-

tação, das quais destacamos os Srs. Dr. António Vilas Boas Alvim, Governador Civil substituto, de Braga; Coronel Serafim de Moraes, Inspector dos Incêndios da zona Norte; Capitão Artur Lameiras, Inspector dos Incêndios de Braga; José de Brito, membro do Conselho Nacional de Serviços de Incêndios; António de Almeida Ferreira e eng.º Alexandrino Mendes de Almeida, 2.º comandante e adjunto do comando dos Voluntários de Guimarães; Francisco Pereira Mendes, da comissão concelhia da União Nacional; Coronel Mário Cardoso, da Sociedade Martins Sarmento; José Mendes Ribeiro Júnior, Comandante do Batalhão 13 da Legião Portuguesa; António José Pereira de Lima, presidente da Comissão das Festas da Cidade; Professor Mário de Sousa Meneses, provedor da Santa Casa da Misericórdia; Dr. Luis de Pina, presidente da Câmara Municipal do Porto, sobrinho do homenageado; D. Juan Miguel Daporta Gonzalez, tenente alcaide de Santiago de Compostela; tenentes Peres e Ernesto Moreira dos Santos, comandantes da P. S. P. e da G. N. R.; Jerónimo Saupaio; Dr. Joaquim Almeida da Costa, Reitor do Liceu Martins Sarmento; Dr. António Paul, escultor; António Azevedo, director da Escola Industrial "Francisco de Holanda"; Dr. Costa Antunes, sub-delegado da Mocidade Portuguesa; Dr. Mário Dias, delegado de Saúde; a direcção dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, de que o prof. José de Pina é comandante; Dr. João Rocha dos Santos, Juiz da Irmandade da Penha; Comissão de Melhoramentos e Junta de Turismo do mesmo local; Rev. António de Araújo Costa, Arcipreste; Rev.º Comendador Borges de Sá e Rev.º Luis Gonzaga da Fonseca; P.º José Carlos Simões de Almeida, director do Internato Municipal; Cap. Magalhães Couto e António Emílio Ribeiro, presidentes dos Grêmios da Lavoura e do Comércio, e muitas outras individualidades de que nos foi impossível tomar nota.

"Glória e honra a José de Pina, um dos melhores vimezanenses que mais dedicada e valiosamente tem servido a terra de Guimarães."

Formada a mesa de honra, pelos Srs. Dr. António Vilas Boas Alvim, Governador Civil substituto; Professor José de Pina, Coronel Serafim de Moraes, Dr. Augusto Ferreira da Cunha, Dr. Joaquim Almeida da Costa, Reitor do Liceu e António José Pereira de Lima, presidente da Comissão Executiva das Festas, o ilustre Presidente do Município, Dr. Ferreira da Cunha, fez, nos seguintes termos, o elogio do homenageado:

É hoje executada a deliberação da Câmara Municipal, tomada na sessão de 19 de Março passado, de premiar o Professor José Luís de Pina com a Medalha de Ouro da Cidade.

Nenhum acto público a que tenho assistido como representante do Município foi para mim mais emocionante e calasse tão profundamente no meu coração, sempre aberto à afectividade, como este a que estamos assistindo.

Vem desde os meus dez anos, quando fui aluno de José de Pina pela primeira vez, que se enraizou no meu espírito ainda infantil, uma grande admiração pelo Mestre, que pela vida fora se transformou em bem cimentada e leal amizade.

A sua bondade sem limites, a maneira afectiva e paternal com que tratava todos os seus alunos, transformavam o Professor num grande e querido Amigo. Estou plenamente convencido que a grande maioria, para não dizer a totalidade dos alunos de José de Pina foram sempre os seus melhores amigos.

Ao focar a personalidade de José de Pina não sei que mais admirar — se as suas belas qualidades morais de homem possuidor do mais puro coração, se as suas qualidades artísticas, de inteligência e de trabalhador, postas inteiramente ao serviço da sua terra — a sua muito querida Guimarães. E têm sido tantos e tantos os serviços que lhe tem prestado!

Numa grande parte das casas de beneficência, lá está o homem de coração a servir carinhosamente aqueles que a fortuna não bafejou; no Comando dos Bombeiros, em cuja Associação presta serviço há 57 anos, a trabalhar denodadamente para que na hora de perigo os seus soldados possam acorrer prontamente e os seus serviços sejam da melhor eficiência possível.

Como espírito culto, devem classificar-se valiosíssimos os trabalhos que tem prestado a essa prestimosa instituição — a Sociedade Martins Sarmento — sobretudo nos seus Museus, onde mostrou quanto vale a sua evangélica paciência no arranjo e classificação de muita cerâmica de Briteiros e da Penha.

Nesta bela estância, a sua querida Penha, tem sido incansável no seu aformoseamento, dando largas ao seu

Morreu a nossa Mãe

O que ela nos sofreu! As nossas travessuras!
As dívidas que nunca a malta liquidou!
Os desgostos por nós, por nós as amarguras,
As noites que essa santa e dias que passou!

Para a malta fumar faziam-se mil juras,
Sem as acreditar o que ela nos fiou!
Seus ralhos eram sempre um favo de ternuras,
E nunca um estudante a santa maltratou!

Quando nos via ao lombo a pífida raposa,
Ficava muito triste e, sempre carinhosa,
Ralhava-nos com mel, que nos fazia bem...

De rapaz, muito novo (os anos que lá vão!),
Eu trago o seu retrato, aqui, no coração.
Estudantes, chorai! Morreu a nossa Mãe!

Guimarães, 2 de Agosto de 1948.

DELFINO DE GUIMARÃES.

temperamento de Artista, cujo dedo se encontra bem vincado mesmo no mais pequeno e simples pormenor.

No curto espaço de tempo que passou pelas cadeiras do Município a sua acção foi verdadeiramente notável, pois José de Pina deve ser apontado como o precursor desse arranjo maravilhoso que todos nós tanto veneramos e onde extasiados seus olhos todos quantos visitamos Guimarães: o triptico admirável do Castelo, a pequena igreja românica de S. Miguel do Castelo e o belo Paço dos Duques de Bragança e Guimarães. Quem tanto tem trabalhado pela sua terra e é possuidor de tão nobres virtudes morais e cívicas deve ser apontado, não só aos seus concidadãos, como às gerações vindouras como um grande exemplo. Por isso, o Professor José Luís de Pina bem merece a Medalha de Ouro da Cidade, o maior galardão que a Câmara Municipal pode conceder.

Glória e Honra a José de Pina, um dos melhores vimezanenses que mais dedicada e valiosamente tem servido a terra de Guimarães.

A entrega Medalha de Ouro da Cidade

No fim do seu discurso que emocionou o homenageado, o presidente entregou a José de Pina a «Medalha de Ouro da Cidade». Neste momento a sala abanou com a vibração dos aplausos.

A medalha entregue ao Sr. prof. José Luís de Pina, artisticamente cunhada e de bela concepção, foi executada nas oficinas da Ourivesaria Aliança, do Porto.

Em nome das Juntas de Freguesia o Sr. Francisco Pereira Mendes dirigiu palavras de louvor a José de Pina, afirmando:

— Ele nunca se deixou contaminar por intrigas, por malquerenças, por vaidades ou interesses pessoais. O prof. José de Pina põe sempre acima de tudo o prestígio da sua terra.

O Sr. capitão Duarte Fraga, antigo presidente do Município e condiscípulo do prof. José de Pina, na Universidade, disse que encontrou sempre, no homenageado, um colaborador incansável, inteligente e leal, que nunca regateou esforços para bem da causa comum ao serviço de Guimarães.

Congratulando-se — sublinhou — associava-se, com júbilo, à homenagem aquele que, em toda a sua vida, tem sido um apóstolo da sua terra.

Associou-se também à homenagem com palavras de louvor o presidente da direcção dos Bombeiros Voluntários de Guimarães, Sr. dr. João Mota Prego de Faria.

Ao encerrar a sessão, o governador civil substituto traçou o elogio de José de Pina, enaltecendo-lhe as altas qualidades de inteligência, bondade e carácter. Num abraço sentido, expressou-lhe a sua muita consideração e amizade pessoal.

José de Pina agradeceu, emocionado, a homenagem.

No Largo Martins Sarmento, o prof. José de Pina, rodeado por categorizadas individualidades, assistiu ao desfile das diferentes deputações de bombeiros, em continência.

Antes, porém, e da varanda dos Paços do Concelho, recebeu as saudações da multidão, que estacionava no Largo fronteiro.

Finalmente, as viaturas de algumas dezenas de Corporações de Bombeiros desfilaram pelas ruas de Guimarães.

A homenagem a José de Pina vieram assistir numerosas pessoas de vários pontos do País.

E por não terem podido estar presentes — bem contra sua vontade — fizeram-se representar os Srs. drs. Nuno Simões e Manuel José Ferreira da Costa, pelo nosso director e o Sr. Comendador Alberto Pimenta Machado, pelo Sr. Domingos Mendes Fernandes.

A Marcha Gualteriana

«Por mandado do Comando da MARCHA GUALTERIANA — dizia a «Contrafé» distribuída, com antecedência, a milhares de pessoas — fica intimado V. Ex.ª, residente em Terras de Portugal, a comparecer nesta cidade de Guimarães na noite de 2 de Agosto do corrente ano, para servir de testemunha ocular ao sensacional e multi-maravilhoso cortejo de luz e cor — Marcha Gualteriana — sob pena de procedimento legal quando assim o não cumpram.»

Este convite redigido em termos de bom humor foi bem compreendido e aceite. Nascida no espírito do Padre Roriz e realizada, praticamente, há mais de quarenta anos pelo prof. José de Pina, a «Marcha Gualteriana» dá emoções fraternas, firmes da vida, com luminárias semelhantes a clarões saídos de bocarra aberta, rubra, da torja da verdade num dilúvio de cores e de calor, porque:

«A nossa Marcha é vulcão
De luz, de chamas — um mar!
E' o nosso coração
A vibrar numa canção:
E' mocidade a cantar.»

Embora não seja o último número destas festas arrojadas, a «Marcha» — desde sempre a cargo dos Empregados do Comércio — é a apoteose das festas pela graça, pela beleza e pelas intenções dos caricaturais grupos alegóricos que se movimentam em danças exóticas, orientadas pelo capricho das suas «máquinas» movidas segundo o desvairamento e o

esforço dos homens e dos rapazes que os conduzem.

E' noite — noite escura — sem luar. Milhares de pessoas palpitam de emoção e ansiedade. Não há lugares vagos nas ruas. As janelas transformadas em pinhas humanas, são como balcões assaltados onde se amontoam numa amálgama curiosa, famílias dispostas a não perderem a passagem dos bonecos iluminados que simbolizam mensageiros de vícios e de virtudes a dar nos sensações de embriaguês.

Quando surgem os primeiros carros, ouvem-se expressões de espanto. Parece que as bocas da considerável multidão foram automaticamente animadas com esta frase: «Ah!... que bonito!...»

A «cabeça» do cortejo chega ao Tournal. Quatro «arautos» montados, trajando à época afonina e guiados por quatro lacaios, precedem a bonecada que encanta as crianças e os adultos. «Zés P'reiras», polícias, sinaleiros, varredores, fotógrafos, operadores cinematográficos, são a ala avançada dum «mundo» novo — «mundo» de pitoresco e arte.

Surge o «Carro da Cidade», com relíquias de Guimarães: miniatura do Castelo sobre uma salva de prata, e um medalhão com a effigie de Afonso Henriques, seguro pelas patas dianteiras de pré-histórico cavalo alado. A multidão vibra e aplaude. E' uma página de história apresentada em alegoria sugestiva. Seguem-se bandas de música, mariposadas, cisnes e o carro «Século XVIII», dedicado às damas. Não há, intermitências. A organização é perfeita. Passam mais figuras: reboadas de borboletas, conjuntos de pavões, peraltas, cestos com patos, galos e meia dúzia ou mais de cozinheiros. E eis que surge, como estampa litográfica da Holanda, o «carro do moineiro», dedicado ao Secretariado Nacional de Informação, seguido de artistas teatrais com a respectiva rusga regional, moleiro e burro, rapaz e o cão; o grupo Branca de Neve e os sete anões: Pat, Patchon, Bucha e Estica, em perfeitas caricaturas; bobos, bailarinas e equilibristas.

Os reflexos das balonas «atiradas» do «Carro tanque», dedicado ao exército português, anunciam a toda a cidade, a aproximação do cortejo. A multidão atropela-se — comprime-se.

A prudência manda nos voltar, de novo, para o mesmo ponto de observação, no Tournal, onde passa, sob trovoadas de aplausos, o «carro do queimado em patins», de homenagem aos briosos portugueses que conquistaram, pela segunda vez, o campeonato do mundo. A' frente leva uma taça, e mais atrás um par de bailarinos em exibição de patinagem artística e a esfera armilar com as bandeiras de todos os países que enfrentaram, na Suíça, os jogadores lusitanos.

Passa mais bonecada. Agora são corredores, «adelaides», «paladros», «papos secos», figuras exóticas e, dedicado à Imprensa, o aparato «Carro Jardim das Hespérides» com «figuras de carne e osso», acompanhado por dezenas de bailadeiras orientais, músicos, macacos a devorarem ananazes e elefantes.

Perdão! Esquecia-me repetir-lhes que tudo isto é de arame coberto a papel de seda que deixa projectar, do interior do ventre vazio, para o exterior, a luz, emprestada a lâmpada minúsculas, por pilhas de bolso.

Não há luar — dissemos acima. E' verdade! Na curva longínqua do Céu não fulguram estrelas. Mas num desfaio à neblina que encobre a abóbada celeste, o espaço é iluminado por estrelas de prata e ouro. E' o batuque sumptuoso dos fogueteiros a estabelecerem barragem de artifício no Céu encoberto por acidentadas atmosféricas; — é a vitória dos homens a mostrar-se, artificiosa, fantástica, com geométricas expressões de fogo, coloridas, bizarras, pretendendo acordar a alma da noite...

O cortejo é extenso — a «Marcha» não tem fim. Surgem agora, numa algazarra ensurdecadora, trinta pretos exibindo-se em danças africanas para darem ambiente ao «Carro do Batuque».

Dedicado ao Império Colonial incorporou-se o «Carro do Oriente», intervalado da «Festada Regional» por chineses, diabos, cães e gatos. A lavoura tem a homenagem que lhe presta o «Carro Minhoto», com um grupo folclórico, seguido da «Festada Regional», lavradeiras, lavradores, garotos do bacalhau, jardineiros com carros e fazendeiros.

O carro do «Banho do Cisne Real» é de bom gosto. Dedicado aos visitantes ilustres, caprichosamente decorado, conduz «senhoras da corte» a rodearem, garbosas, imponentes de nobreza, uma «rainha coroada»... para as escassas horas do desfile deste cortejo. Neste carro e noutros de idêntico sentido estético, meninas vimezanenses — donzelas vestidas de seda com as sedas a flutuarem ao vento como bandeiras a drapejar num mastro de realeza; meninas garbosas, com lantejoulas a resplandecerem aos múltiplos sois das balanças lançadas pelos bombeiros — distribuem sorrisos e recebem aplausos.

A fechar o cortejo vêm-se o «Carro do Comércio e Indústria, o «Carro tanque» e touros, bandarilheiros, capinhas, caravelas, peixes, pescadores, varinas, músicos, cavaleiros e um grupo novo composto por cinco sapateiros.

Ao princípio da madrugada, o «faz-tudo» das festas e seu economo Sr. Rodrigo Abreu, desabafa, com o incansável presidente da Comissão Executiva, Sr. António José Pereira

CONTRASTES!...

Prometer e cumprir

Os promotores das Festas da Cidade de Guimarães organizaram um programa segundo o qual a imponência dessas Festas estava claramente prevista. Assim aconteceu, de facto. Não houve um número desse programa que não fosse cumprido à risca, tendo-se até verificado que, no seu conjunto, tudo ultrapassou o que era de esperar, quer quanto à boa ordem e à boa execução do mesmo, quer quanto ao brilhantismo que as Festas tiveram desde o primeiro ao último dia.

Assim o ouvimos a vários forasteiros, os quais maravilhados com o que puderam presenciar e apreciar, teceram os mais cativantes elogios ao bairrismo dos Vimezanenses, assim como ao dinamismo e ao bom gosto da respectiva Comissão Executiva, à qual estavam agregadas outras Comissões, da mesma forma dignas dos mesmos elogios. E porque falamos em elogios, seria falta imperdoável não destacar os que ouvimos fazer aos encarregados da Organização da Marcha Gualteriana e, bem assim, aos Srs. Manuel Moreira Guimarães e Luís Carvalho, a quem foi confiada a decoração e a iluminação do jardim público, mimo de vulgar e de encantadora beleza, tanto pela sua originalidade como pelo seu efeito surpreendente. Constatado, pois, o facto de nada ter ocorrido que prejudicasse a grandiosidade das Festas, a hospitalidade e o carinho que os Vimezanenses costumam dispensar aos seus visitantes, concluímos estas ligeiras considerações com as seguintes palavras:

de Lima, o seu contentamento. Tem razão! Foi absoluto o êxito da «Marcha Gualteriana», formada por parcelas evocativas de romances de cavalaria que tiveram a sua glória e que caíram em sátira — figuras da vida real e figuras de lenda — a refrescarem-nos os sentidos com o seu poder hilariante.

As Toiradas

A nossa Praça registou colossais enchentes, tanto no domingo como na segunda-feira.

Os espectáculos taurinos, principalmente o de segunda feira, foram um número brilhante das festas.

O público pôde apreciar o trabalho admirável de alguns dos melhores artistas tauromáquicos. No que respeita principalmente à segunda corrida, devemos confessar que nunca vimos melhor. Com a mesma impressão ficaram, disso temos a certeza, os muitos milhares de pessoas que assistiram a quele memorável espectáculo, muitas das quais não esconderam a sua admiração. Os aplausos foram calorosos por parte da assistência que por vezes ovacionou os simpáticos artistas.

Os Festivais

Todos os festivais foram de rara beleza. As decorações das nossas ruas e praças — decorações que Constantino Lira e Bernardo Barreira executaram com muita arte — produziram efeito deveras surpreendente. As iluminações resultaram, realmente, uma maravilha.

O Jardim Público merece, também, uma referência especial. A sua decoração foi feita sob a orientação dos nossos amigos Srs. Manuel Soares Moreira Guimarães e Luís Gonzaga F. de Carvalho e produziu efeito inédito e deveras encantador.

O coreto, com um revestimento habilidosamente feito pelos construtores civis, Costa & Maduro, desta cidade, era uma linda cesta de flores. Que encanto!

O projecto, delineado por pessoas que revelaram o seu bom gosto, teve uma execução feliz por parte dos construtores acima referidos.

Toda a restante decoração e iluminação do Jardim produziu um conjunto que a todos agradou sobremaneira.

Em vários pontos da cidade bandas de música das mais reputadas do Norte deliciaram os forasteiros e, no Jardim Público, a Banda Regimental de Infantaria 12 de Zaragoza, sob a competente regência de D. Angel de La Cruz Madrigal, atraiu, em três noites seguidas, a atenção dos apreciadores da divina Arte, tornando-se ali o ponto de reunião da sociedade elegante.

Todas as sessões de fogo satisfizeram. António José Fernandes &

Oxalá que Deus dê vida e saúde aos Organizadores das Festas em referência, a fim de que, em anos futuros, possam continuar a manter em estado de conservação o fruto da sua fervorosa acção em prol da Vida e do progresso de Guimarães!

A título de esclarecimento

Como dissemos, num dos últimos números do «Notícias» que a Comissão das Festas da Queima das Fitas da Universidade do Porto — 1948 — não tinha contemplado qualquer Casa de Caridade desta cidade, com o produto da receita líquida proveniente da garrafeira, a que então nos referimos, cumpre-nos dizer, agora, em face do que nos foi comunicado pelo nosso prezado amigo Sr. Joaquim Laranjeiro dos Reis, que do saldo existente — 13.904\$95, foi entregue à Comissão das Festas da Cidade a quantia de 12.000\$00 e o restante à Santa Casa de Misericórdia, atendendo aos serviços que esta Instituição pôs ao dispor dos Académicos Universitários.

Perante a referida comunicação, fica feito este esclarecimento, que muito nos apraz registar em aditamento aos nossos anteriores comentários.

Bem nos parecia que a rapaziada Académica não faltaria ao prometido, visto que nem isso lhes ficaria bem nem a qualidade de prometer e falar costuma encontrar-se nas pessoas que prezam a sua dignidade.

E' portanto, com grande satisfação que louvamos o seu gesto.

X.

Filhos e José Maria Fernandes, de Lanhas; Gomes da Costa & Filhos, de Ponte da Barca e Silva & Filhos de Viana do Castelo, mostraram-se e de novo se nos afirmaram como os melhores pirotécnicos do País.

A Festa a S. Gualter e a majestosa Procissão

Na terça-feira, às 11 horas, no Templo dos Santos Passos, que ostentava decoração luxuosa da casa João Augusto Passos, houve luzida festividade religiosa. Cantou a missa o Rev. Comendador Augusto Borges de Sá, acolitado pelo Rev. João Lindoso e Rev. Fernando Porfirio de Almeida, servindo de mestre de cerimónias o Rev. Gaspar Nunes.

Nos cadeirais, na capela mor, sentaram-se a Irmandade de S. Gualter, o Provincial dos Franciscanos, Rev. Dr. Manuel Taveira da Silva, acompanhado por outros elementos daquela Ordem, e à qual pertencia S. Gualter; entidades oficiais, etc.

A missa, que teve, a assisti-la, numerosos fiéis, foi a grande instrumental pela orquestra com distintos professores do Porto e Braga, sob a direcção do Rev. Alberto Braz.

Ao evangelho, subiu ao púlpito Frei Mário Branco. Talento, vibrante, claro nas ideias a artista na forma, falou aos fiéis da excelsa figura do que foi companheiro de S. Francisco de Assis e em honra de quem Guimarães faz, anualmente, as imponentes Festas Gualterianas.

A procissão, que saiu, pela primeira vez, nos começos do século XVI, constituiu, durante séculos, demonstração de fé. Não se sabe o motivo pelo qual foi, depois, suspensa por muitos anos — interregno largo que acabou há um ano.

A procissão saiu mais uma vez. A organização era impecável e a figuração majestosa.

A cidade tinha as ruas e as janelas repletas de pessoas, recolhidas em silêncio profundo, respeitadas, submissas, crentes e que, vergadas ao respeito pela religião católica, e pelo padroeiro das festas, prestaram as suas honras a S. Gualter, ajoelhando à passagem do andor e do pálio, sob o qual seguia, com o Santo Lenho, exposto na atitude permanente dumá bênção colectiva, o Senhor Arcebispo Primaz, D. António Bento Martins Primaz e, logo atrás, também sob o pálio, o chefe do distrito, Sr. Major Nery Teixeira — seu caudatário.

As ruas do percurso estavam cheias de povo. O respeito era absoluto. Descobertas, as cabeças dos homens inclinavam-se para o chão, à passagem do pálio, na modéstia eloquente de respeito.

A frente do préstito religioso seguia o estandarte de S. Gualter, bordado a ouro e novo a estrear. Depois, as Irmandades de Nossa Senhora da Oli-

veira, do Santíssimo Sacramento de S. Paio, de S. Sebastião, de S. Gualter, o andor do Santo companheiro do «Pobrezinho de Assis», Irmandade dos Santos Passos e Ordens do Carmo, S. Domingos e S. Francisco, os Monges de Singeverga com o Senhor D. Prior; os Franciscanos de Montariol com o Rev. Reitor e os Franciscanos de Lisboa, Porto e Leça, com o Provincial da benemérita Ordem o Rev. D. Manuel Taveira da Silva.

Os «anjinhos» e a representação de figuras bíblicas era dos maiores que temos visto — todos bem vestidos, todos bem comportados e sem distrações.

A figuração abria com «Guimarães» a abraçar S. Gualter, rodeado por um grupo de querubins.

Mais adiante, iam figuras representativas da graça, da modéstia, da inocência: S. Gualter cercado de figuras em sua honra e dos Santos Mártires Marrocos.

O secretário da Irmandade de S. Gualter, Dr. Adelino Jorge, empenha-se pelo brilho da procissão. Veste a opa da Irmandade de S. Gualter, mas não descansa. Vai dum para outro lado, diligente, orientando a organização do préstito que passa as ruas, em triunfo, de janelas engalanadas com colchas de seda.

Muitas senhoras ajoelham e rezam; outras atiram flores.

A Pátria, a História e a Igreja, figuras simbólicas apresentadas luxuosamente. E mais — mais «anjinhos» e mais figuras. A arquitectura, a pintura, a escultura, a indústria, a arqueologia, a música e o canto estão igualmente representadas por graciosas meninas que exibem insígnias e legendas iludativas, bem como as figuras de Portugal e de Guimarães, altancistras, num cerco de pagens.

A's lanternas, ao lado do andor e do pálio, pegavam pessoas gradas, de casaca e sem opa. O Dr. José Francisco dos Santos, da V. O. T. de S. Domingos e o Dr. Leopoldo Martins de Freitas, da V. O. T. de S. Francisco, levavam, ao peito, as insígnias da sua alta dignidade nas respectivas instituições religiosas.

Na procissão incorporam-se, ainda, o juiz da Irmandade, Sr. António J. Pereira de Lima; o Presidente da Câmara, Dr. Augusto Ferreira da Cunha e Vereadores; Alcaide de Santiago, D. Juan Miguel Daporta; Comandante Militar, Comandantes da L. P., da G. N. R., da P. S. P., dos B. Voluntários, Delegado do Procurador da República e outras entidades oficiais do Distrito, seguindo no Couce do imponente cortejo a Banda Regimental de Zaragoza.

No mesmo dia a Comissão das Festas fez distribuir, por intermédio das Conferências de S. Vicente de Paulo, um Bodo aos Pobres da Cidade.

Homenageando a honrosa Embaixada Espanhola

Os componentes da Embaixada Espanhola que durante a sua permanência em Guimarães, onde foram acarinhados com as melhores provas de estima, estiveram hospedados em casas particulares e no Hotel da Penha, visitaram, acompanhados por membros da Comissão de Recepção, os Museus, Castelo e Paço dos Duques de Bragança, o Mosteiro de S. Torcato, a Colegiada e a Montanha da Penha, tendo-lhes sido servido na Adega do Ermitão um aperitivo.

Na terça-feira e no Restaurante do Teatro Jordão, foi-lhes oferecido um almoço de homenagem, com a presença de sessenta convivas.

Presidiu o Sr. António José Pereira de Lima, ladeado pelos Srs. D. Juan Miguel Daporta, Tenente Alcaide; João R. Martins da Costa (Aldão), representante do Sr. Presidente da Câmara; António Emilio da Costa Ribeiro, presidente do Grémio do Comércio; capitão D. Angel de la Cruz Madrigal, D. Castor Prieto Gonzalez, comissário-chefe da Polícia; rev. Carlos Simões de Almeida, Antero Henriques da Silva, Camilo Laranjeiro dos Reis, Mário de Sousa Menezes, provedor da Misericórdia; Dr. Francisco de Melo e os comandantes da P. S. P., Legião e G. N. R.; Presidente do Grémio da Lavoura, Director do Museu Alberto Sampaio, Dr. João Rocha dos Santos e outras individualidades. De frente da mesa de honra sentaram-se senhoras espanholas e vimezanenses.

O almoço decorreu no ambiente de franca confraternização luso-espanhola — daquelas confraternizações que sensibilizam e não esquecem facilmente.

O presidente das festas da cidade, com a fidalguia que é apanágio dos vimezanenses, saudou as entidades espanholas, não esquecendo todos os componentes da banda do Regimento de Infantaria 12, de Zaragoza. O vereador do Município, Sr. João Rodrigues Martins da Costa, falou, a seguir. De louvor, de homenagem sincera, foram as suas palavras, que os visitantes espanhóis agradeceram, emocionados.

Jovem — dezoito anos ou pouco mais, imponente, altiva e muito espanhola no seu porte gracioso — Glória Prieto (um amor de esperanças com a alma nas mãos), levantou-se para se fazer ouvir. Hábil, culta, nervosa de hiper-sensibilidade, deu-nos a graça das suas palavras num recitativo empolgante, impregnado de romantismo. Os presentes aplaudiram-na, ovacionaram-na com calor e nela essa Espanha vizinha e amiga, o seu povo e, de modo especial, as suas mulheres... O comissário geral da Polícia de Santiago, D. Castor Prieto, saudou Guimarães.

Foi extenso. Cantou Guimarães e saudou o povo português. E foi lírico — foi orador empolgado e empolgante — a traduzir sentimentos de afectividade que unem os dois povos grandes da península Ibérica, que grandes hão-de continuar a ser pelos séculos fora. Evocou e auxiliou dois portugueses que mandaram generos aos espanhóis quando da guerra civil e enalteceu o amor dum povo por outro povo — de irmãos por irmãos — para confessar que aqui, em Portugal, não se sente estrangeiro porque o rio Minho e as fronteiras são simples acidente geográfico e administrativo que em nada evitam ou prejudicam a comum amizade, este namoro eterno de quase sempre para sempre, de portugueses e espanhóis.

O Sr. Dr. Costa Antunes, ao dirigir-se aos espanhóis, disse que as festas de Guimarães são as festas de Portugal — deste canto que procurou separar-se da Espanha não por inimizade, mas por conveniência histórica que criou dois povos peninsulares alerta na defesa da Europa.

Ouvem-se vivas à Espanha, ao Tenente Alcaide de Santiago e ao Presidente do Município Vimezanense.

O Prof. Sr. Mário Menezes saudou os espanhóis presentes e associou-se às saudações ali feitas ao Presidente da Câmara, pedindo que as mesmas lhes sejam transmitidas pelo seu digno representante. O Tenente Sr. Manuel Peres também bebeu pelos espanhóis.

António Dias de Castro, ouvido em respeitoso silêncio, deu conhecimento aos presentes de dois telegramas: um do Coronel D. Adolfo Manzo Rodriguez, ilustre Comandante de Infantaria 12 de Zaragoza, em que aquele oficial agradecia o amável convite que lhe foi feito e enviava a sua entusiástica adesão aos actos que se celebravam nesta cidade, sentindo a eles não assistir por impossibilidade e enviava as carinhosas saudações às Autoridades, à Comissão das Festas e ao povo; e outro do Sr. Comendador Alberto Pimenta Machado, ausente à data em Lisboa, em que apresentava cumprimentos a toda a embaixada espanhola, das suas melhores relações, lamentando não poder estar presente para também lhes prestar as suas homenagens.

A leitura destes telegramas foi recebida com prolongadas salvas de palmas.

O almoço, durante o qual se fez ouvir uma bem organizada orquestra, terminou no meio de vibrantes aclamações a Espanha e a Portugal.

Notas dispersas

A Embaixada Espanhola retirou de Guimarães na quarta-feira de manhã. A Banda Regimental antes da abalada a que assistiram, no Tournal, numerosas pessoas, percorreu as nossas ruas executando uma marcha, em despedida aos vimezanenses que, pela segunda vez, tão carinhosamente a acolheram.

De Guimarães até à fronteira de Valença acompanharam as individualidades Galegas a Comissão das Festas e outras pessoas entre as quais algumas senhoras.

Em Valença efectuou-se o almoço de despedida a que também assistiu o Cônsul Espanhol daquela cidade.

Durante o repasto fizeram-se novas e vibrantes afirmações de amizade luso-espanhola.

Depois, já quase ao fim da tarde, chegou a hora da despedida que tanto emocionou portugueses e espanhóis.

Boa Viagem, felicidades! diziam do lado de cá.

E com lágrimas nos olhos e o acenar de lenços brancos, atravessando já a ponte, respondiam: Muichas gracias!

Os hóspedes de honra da Cidade durante as Festas: S. Ex.ª o Governador Civil do Distrito, o Director Geral dos Desportos, o Tenente Alcaide de Compostela e outras individualidades Galegas; o Dr. António M. Pinheiro Torres, Delegado do S. N. I. e outras entidades assistiram, no Largo do Tournal, em Tribuna própria, ao desfile da Marcha Gualteriana e também assistiram às Toiradas em camarotes que lhes eram destinados.

No decorrer da visita que o Ex.ª Alcaide de Santiago de Compostela fez, juntamente com outras individualidades espanholas e portuguesas ao Museu Alberto Sampaio, aquela autoridade galega, fez esta afirmação: «A Espanha tem muitos Museus provinciais, mas nenhum excede o conjunto de obras valiosas de ordem expositiva e de perfeito aseo que este reduto de Arte superiormente prova. Não supunha vir encontrar semelhante realização!»

E voltando-se para os vimezanenses que o acompanharam na visita: Parabéns!

FARPAS

... Das FESTAS? Ó minha terra! Como esta caneta emperra Ao sentir que vou chorar!... Não te zangues, coração! Não tenho força na mão E não posso farpear!...

Darmoa

No MEU CANTINHO

Eu sou por vezes injusto. Tenho hoje de confessá-lo. Quando salientei a vitória do Correo sobre o Diário, esqueci que um jornal de responsabilidade marcada não é um jornal de liberdade confiante. A Sagração da Honra Vimaranesa, só depois é que teve dia bem determinado. E' a isto que se chama *aman-de honorable?* O Qualberto já ouviu?

Eu não sou muito festeiro. Mas ao ler a riqueza de gazetilha do domingo que é hoje, dá-me apetite de apreciar tanta coisa linda que Guimarães oferece aos forasteiros e aos concidadãos. A todos e até a mim.

Uma diabrura minha. Há um ano li que o sermão de S. Gualter fora esplêndido. Acabado o deste ano, interroguei o nosso A. L. desta maneira: Ouviu o sermão do ano passado? — Ouvi. Este excedeu-o.

Abraçei-o e saí. E vim a pensar pelo caminho: está ali a reincarnação de Leonardo de Castro.

Um pouquinho de vagar diminuiria o valor?

E a procissão segunda vez saída?

Ainda foi melhor que a primeira?

Há quem se anime a pensar que sim.

Portugal no Estrangeiro

O Sr. Dr. Arnaldo Brazão, ilustre Presidente da Liga Portuguesa Abolicionista, acaba de informar a Liga de Profilaxia, para efeitos de publicidade, que a revista suíça «Bulletin Abolitionniste», respeitante ao mês de Junho, publicou um artigo da autoria do Dr. Theodoro De Féllice, secretário geral da Federação Abolicionista Internacional, onde é apreciado muito elogiosamente o diploma legislativo colonial que suprimiu a prostituição regulamentada na Guiné Portuguesa, pelo qual a Liga oportunamente dirigiu calorosas felicitações ao Sr. Comandante Sarmiento Rodrigues, ilustre Governador daquela Colónia.

Nas suas judiciosas considerações o articulista pretendeu chamar as atenções do mundo civilizado para a resolução tomada por aquele nosso domínio ultramarino. «Estamos muito satisfeitos de ver esta colónia portuguesa, diz o Dr. de Féllice, colocar-se ao lado dos países e dos territórios que já encerraram as casas de tolerância e onde as mulheres não são autorizadas a exercer a prostituição como modo de vida».

Ao terminar felicita o Governador da Guiné, Sr. Comandante Sarmiento Rodrigues, e faz ardentes votos para que o exemplo da Guiné seja seguido pelas restantes colónias e pela metrópole, tão breve quanto possível.

A Volta a Portugal

Os corredores da 13.ª Volta a Portugal em bicicleta passaram por esta cidade, na etapa Vizeu-Braga, na tarde de quinta-feira sendo esperados por muita gente que os aclamou na sua passagem.

Em nova etapa que hoje se efectua, os corredores devem voltar a passar por Guimarães.

A Comemoração da Batalha de Aljubarrota e a Festa da Padroeira da Cidade

Mais uma vez e com toda a pompa, devido aos esforços da Câmara Municipal e da Mesa Administrativa da Irmandade de N.ª S.ª da Oliveira, vão realizar-se nos dias 14 e 15 as Festas da Padroeira, que se iniciam com a patriótica comemoração da Batalha de Aljubarrota, feita a expensas do Município.

O programa das solenidades é o seguinte:

Dia 14, às 10 horas, no Padrão de N.ª S.ª das Vitórias, Missa Campal com alocação alusiva ao facto histórico pelo Rev. Dr. José de Jesus Ferreira, da Universidade de Coimbra.

Assistem a Câmara Municipal e demais Autoridades locais e outras pessoas de representação, S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo Primaz, o Senhor Governador Civil do Distrito e outras individualidades em destaque.

A's 22 horas, majestosa Procissão de Velas em que a Imagem da Padroeira será levada em triunfo até às portas do Castelo da Fundação.

Dia 15, às 10 horas, solene Pontifical para a Sagração de S. Ex.ª Rev.ª o Senhor D. Domingos da Silva Gonçalves, com a assistência dos Prelados de Braga, Gurza, Silva Porto e Auxiliador da Guarda e outras altas individualidades.

A's 18 horas, exposição solene e sermão pelo mesmo orador da véspera, seguido de Te-Deum, às 19 horas imponente Procissão da Padroeira com o seguinte itinerário: L. 1.º de Maio, Av. Alberto Sampaio, R. Serpa Pinto, Av. Duarte Pacheco, R. de Santo António, Largo do Toural e Rua da Rainha.

Todas as solenidades terão a colaboração dum grande grupo coral, com orquestra, sob a regência do Maestro Rev. Alberto Braz, de Braga.

da cidade

Boletim Elegante

Antevésários natalícios

Fizeram e fazem anos: No dia 1.º o nosso bom amigo sr. Domingos Alves Ferreira; no dia 9, a menina Maria Margarida Teixeira de Carvalho; no dia 10, os nossos prezados amigos srs. dr. Alfredo Peixoto, José Pinto Pereira de Oliveira e coronel Sousa Guerra; no dia 11, as srs.ª D. Albina Iacema de Quadros Flores e D. Irene Gabriela de Sousa Guerra, esposa do sr. tenente Sousa Guerra, e o nosso amigo sr. Máro Monteiro Dias de Castro; no dia 12, o nosso prezado amigo sr. Amadeu C. Penafort; no dia 14, os nossos bons amigos srs. José Manuel Moniz Lima e Arpício Neves de Castro; no dia 15, a sr.ª D. Maria Angelina de Araújo Abreu Brandão e os nossos prezados amigos srs. Carlos Teixeira Pinto e Fernando Figueiredo.

«Noticias de Guimarães», apresentamos os melhores cumprimentos de felicitações.

Partidas e chegadas

Com sua esposa e filho encontra-se na quinta de um discípulo, em Barcelos, o pianista-compositor, Professor Eurico Tomaz de Lima. — O sr. dr. Gomes dos Santos, distinto interno da Estância Sanatorial do Caramulo, tendo estado nesta cidade dignou-se apresentar-nos cumprimentos por intermédio de seu sogro o sr. António Vieira da Cruz Júnior. — Com suas famílias regressaram da Póvoa de Varzim os nossos bons amigos srs. dr. José da Conceição Gonçalves Raul Rocha e António de Carvalho. — Partiram, com suas famílias, para a mesma Praia os nossos amigos srs. dr. Sebastião Lobo Cardoso de

Teatro Jordão APRESENTA HOJE, às 15 e às 21,30 h.

Alberto Ribeiro, na deliciosa comédia luso-espanhola **Ladrão de Luva Branca**

com: Oscar de Lemos, Gená del Rio, Sílvia Morgan, etc.

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO CASA CHAFARICA (REGISTADA)

Largo do Toural, 70 a 73 — Telefone, 4306 — GUIMARÃES

Adejo: ARMAZÉM DE MERCEARIA de Francisco Pereira da Silva Quintas

CORRESPONDENTES de: Banco Borges e Irmão, Banco Burnay, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Pinto & Sotto-Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Regional de Aveiro, Credit Franco-Português, Piano Pereira & C.ª — Banqueiros.

DEPOSITARIOS de: Companhia Portuguesa de Tabacos, A Tabaqueira, Fósforos, Companhia Previdente, Produtos «Shell», Sociedade de Produtos Lácteos.

Vinhos Borges e Lotaria do Banco Borges & Irmão.

Recebem-se encomendas para fornecimento de SULFATO, ADUBOS e ENXOFRE, da CUF, que serão executadas na sua totalidade e aos preços oficiais.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Meneses e capitão João Gomes de Abreu Lima.

Estiveram nesta cidade os nossos prezados amigos srs. dr. Francisco de Melo e P.ª Manuel Ferreira Coelho; A. L. de Carvalho e dr. Correia da Costa, nossos ilustres colaboradores; Leão Martins, dr. Gabriel Faria, Alvaro Penafort, eng.ª Adelino Soares Leite, tenente Bernardo de Castro, Armindo Faria, tenente José Maria da Mota Freitas, Octávio Pereira Machado, coronel António de Quadros Flores, p.ª dr. Alves das Neves, Afonso Leites de Macedo Doria, etc.

Para presenciar as Festas Gualterianas veio a Guimarães o consagrado Escritor figueirense sr. Carlos Sombrio, sendo hóspede do nosso querido amigo e poeta sr. Jerónimo de Almeida.

Com suas gentis filhas regressou a esta cidade, de onde vai seguir para as Pedras Salgadas, a sr.ª D. Adéllina de Sousa Guise.

Tem estado a veranear nas Caldas das Taipas o nosso ilustre conterrâneo sr. almirante António Garcia de Sousa Ventura, major-general da Armada.

Com sua esposa encontra-se nas Pedras Salgadas o nosso ilustre amigo sr. dr. Nuno Simões.

Estiveram nesta cidade os srs. dr. Luis de Pina, presidente da Câmara Municipal do Porto; dr. António Paúl, professor da Universidade, dr. Fernando de Castro Gonçalves, dr. Gaspar Gomes Alves e Joaquim Lopes Martins.

Com sua esposa esteve nesta cidade o nosso bom amigo sr. Eduardo Pereira Pizarro de Almeida.

Encontra-se em Braga a sr.ª D. Emília Augusta da Silva Alves Queirós.

Vimos nesta cidade as srs.ª D. Maria José Ribeiro Vilas Soares e D. Maria de Lourdes Couto M. de Campos.

Também esteve nesta cidade o nosso bom amigo sr. João do Couto Salgado.

Esteve em Lisboa, de onde já regressou à sua casa da Póvoa de Varzim, o nosso prezado amigo sr. comendador Alberto Pimenta Machado.

Partiu com sua família para Vila Praia de Ancora o nosso bom amigo sr. Manuel Soares Moreira Guimarães.

Com sua família encontra-se a veranear em Vizela o nosso bom amigo sr. Guilherme Pinto.

Encontra-se nas suas propriedades de Sande o nosso querido amigo sr. Cónego Alberto da Silva Vasconcelos.

Com sua família encontra-se a veranear na Póvoa de Varzim o nosso prezado amigo sr. dr. Manuel Jesus de Sousa.

Com suas famílias partiram para a Póvoa de Varzim os nossos bons amigos srs. tenente Alvaro Martins de Campos e Alvaro da Cunha Oliveira.

Pedidos de casamento

O nosso querido amigo sr. José Torcato Ribeiro Júnior, importante industrial, e sua esposa, sr.ª D. Maria da Madre de Deus de Almeida, pediram em casamento para seu filho o nosso amigo sr. Domingos Torcato Ribeiro de Almeida, industrial, a sr.ª D. Maria Luísa de Oliveira Milhão, gentil filha do distinto médico vimaranense sr. dr. Alberto Rodrigues Milhão, e da sr.ª D. Maria Augusta Mendes de Oliveira Milhão.

O enlace matrimonial realizar-se-á brevemente.

Aos noivos desejamos desde já as maiores venturas.

O nosso estimado conterrâneo e amigo sr. dr. Porfirio Henrique de Almeida Carneiro pediu em casamento para seu irmão o também nosso prezado amigo sr. António Augusto de Almeida Carneiro, filho do nosso estimado amigo sr. dr. Alberto Maria da Silva Carneiro e da sr.ª D. Ilda da

Conceição Leão da Cruz Almeida Carneiro, a nossa gentil conterrânea sr.ª D. Ermelinda da Conceição Martins Fonseca, filha do sr. Indício da Fonseca, já falecido, e da sr.ª D. Maria de Jesus Martins Fonseca.

Aos noivos desejamos as maiores venturas.

Casamento

Na pretérita quarta-feira e na paróquia da Gonç., consorciaram-se a sr.ª D. Ilda Luzia de Sá Mascarenhas e o sr. David Faria que, por se encontrar ausente no Rio de Janeiro, era representado, por procuração, pelo nosso bom amigo e distinto colaborador sr. João Xavier de Carvalho.

Testemunharam o acto o sr. José da Costa proprietários em Gonç. e a sr.ª D. Maria Luísa de Carvalho e os pais do noivo sr. Clementino Costa e esposa.

Aos noivos desejamos as maiores felicidades.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

Ana de Magalhães

(A sr.ª Aninhas dos estudantes)

Após prolongada doença e em provecta idade, faleceu no passado dia 2 do corrente, na sua residência da Rua de Santa Maria, a bondosa velhinha e saudosa mãe dos estudantes, a sr.ª Ana de Magalhães, muito respeitada e conhecida no meio vimaranense.

Alma de eleição e coração aberto às mais excelsas virtudes, só quem de perto conviveu e privou com a sr.ª Aninhas poderá justificar o desgosto que a sua morte trouxe às inúmeras gerações académicas que frequentaram o seu pequenino estabelecimento, e, outrossim, sentir a ardência de lágrimas doridas que, na hora do salmento do seu préstito, correram dos olhos dos amigos que a acompanharam até junto da sua última morada.

E' que, na verdade, a mãe dos estudantes foi um exemplo intacto e puro de dedicação e amor, que deu à vida de muitos jovens um outro sentido de vida, como foi também o espírito gracil que nunca se fechou aos pensamentos desalentados daqueles que se debatiam em agônias morais.

Azorável e ingénua, calma e condigna, jamais o seu semblante de mulher se excitou em rosário de torturas, mas, antes o conhecemos entreabrir-se em formosura de adormecente conforto e em sorrisos de avózinha querida, a que não faltavam as falas mansas e doces.

Também a exuberância de sentimentos que se desgarravam em perfumes do seu peito amantíssimo de esposa e mãe, criou-lhe atractivos que nunca mais poderão ser esquecidos, como no-la impôs à consideração e respeito devido a quem sempre soube perdoar a alegria estuante ou garnachice impenitente e demoníaca.

Da sua boca, só palavras de amor e de perdão brotavam e saíam entretidas daqueles judiciosos conselhos que a experiência da vida sabe compor e fundamentar.

O seu funeral, que constituiu uma sentida manifestação de pesar teve lugar na pretérita 4.ª feira e a ele se associaram estudantes velhos e novos, sacerdotes, pessoas das relações da família e a pia associação das Filhas de Maria.

O seu corpo encerrado em rica urna de mogno, foi coberto com a bandeira da Academia Vimaranesa e conduzido de manhã para a Igreja da Misericórdia pelos estudantes do nosso Liceu, tendo-se realizado naquele templo várias missas do corpo presente, uma das quais mandada dizer pelos estudantes velhos e em

que foi celebrante o Rev.º Fernando da Silva Martins.

A tarde, e depois do velho estudante, sr. Jerónimo Sampaio, ter fechado a urna, o salmento fúnebre dirigiu-se ao cemitério da Atougua, com grande acompanhamento.

A sr.ª Ana de Magalhães era viúva do também saudoso bedel do nosso Liceu, António André, e mãe do sr. José de André Magalhães, ausente, e do nosso prezado amigo, sr. Domingos André de Magalhães, sogro do benquisto empregado bancário, sr. José Feliz de Sousa, e cunhada do estimado industrial, sr. José André.

A família enlutada apresenta «Noticias de Guimarães» os seus sentimentos pêsames.

Luis Alves de Sousa

Quase de repente, finou-se, na quarta feira, na sua residência, a rua da Liberdade, o Sr. Luis Alves de Sousa, casado com a Sr.ª D. Maria Margarida Ribeiro de Sousa, ir-



mão do Sr. José Alves de Sousa, sobrinho do nosso amigo Sr. Silvino Alves de Sousa e enteado do nosso amigo Sr. Tenente Alberto Carvalho de Melo.

O extinto, que contava 28 anos de idade, era muito estimado no nosso meio, tendo servido, até há pouco, o Sindicato Nacional dos Caixeiros.

O seu funeral realizou-se ontem, na paróquia de S. Sebastião para o cemitério de Atougua, tendo-se incorporado no préstito numerosas pessoas.

A toda a família dorida apresentamos condolências.

José de Almeida

Finou se, com 63 anos, em Creixomil, o Sr. José de Almeida, viúvo, industrial, pai do nosso amigo Sr. Manuel de Almeida e da Sr.ª D. Ana de Almeida e Silva, sogra da Sr.ª D. Adelaide Coelho Dias e do Sr. Henrique Fernando Carlos Soares e cunhado dos nossos amigos Srs. José Guimarães, abastado capitalista em S. Paulo (Brasil); João da Silva Guimarães, conceituado industrial; Francisco Pereira da Costa, Paulino Ferreira Leite e Gervásio da Silva.

O seu funeral, que esteve muito concorrido, efectuou-se, na sexta-feira à tarde, para o cemitério de Atougua.

A toda a família dorida apresentamos condolências.

Meninas Maria Fernanda, Maria Alzira e Maria Ana Mourão

Com poucas horas de diferença de uma para as outras, faleceram, na semana passada, estas interessantes meninas, gémeas, filhas do nosso bom amigo Sr. Américo da Cunha Mourão e da Sr.ª D. Alzira Lopes Mourão, aos quais acompanhamos no desgosto porque acabam de passar.

Diversas Notícias

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Dias Machado, à Rua da Rainha.

Jncêndio

Foram chamados os socorros dos bombeiros para a freguesia de Pinheiro onde, numa meda de palha da Quinta da Carreira, pertencente ao Sr. D. José Ferrão e da qual é caseiro Manuel Oliveira, se havia declarado incêndio.

Os bombeiros compareceram imediatamente, conseguindo extinguir as chamas.

Colégio de Nossa Senhora da Conceição

Por intervenção do Sr. Governador Civil do Distrito, foi concedido o subsídio de 30 contos para obras de ampliação do Colégio de N.ª S.ª da Conceição, a cargo da Irmandade de N.ª S.ª da Consolação e Santos Passos.

LIVRO DE CHEQUES

PERDEU-SE um livro de cheques do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, pertencente ao Sr. António de Oliveira Durão.

Gratifica-se quem o entregar na nossa Redacção.

D. Domingos da Silva Gonçalves

Para as vestes a ofacecer a este nosso ilustre conterrâneo, registamos hoje mais os seguintes donativos:

Transporte	13.885\$00
P.ª José de Sousa Monteiro	100\$00
P.ª Adelino Pimenta da Mota	50\$00
Manuel Pires Maciel — Caminha	50\$00
Alfredo Guimarães, sua mãe e irmã	50\$00
Dr. Sebastião Lobo Cardoso de Meneses (Paço de Nespereira)	100\$00
Jaime Sampaio	20\$00
Dr. António da Purificação Felgueiras — Monção	100\$00
Dr. António Jesus Gonçalves	100\$00
Dr. Aventino Leite de Faria	100\$00
Dr. Alberto Rodrigues Milhão	100\$00
P.ª Fernando Porfirio Almeida Ribeiro	20\$00
António Alfredo Mendes de Abreu	100\$00
D. Virgínia Mendes de Freitas	100\$00
Domingos Mendes Fernandes	100\$00
João Afonso Ribeiro Guimarães	100\$00
Engenheiro Alberto da Costa Guimarães	300\$00
Do Comando da Polícia de Guimarães	100\$00
D. Maria Anstilde Ferreira da Cunha Fernandes	100\$00
Joaquim da Silva Xavier Bento dos Santos Costa & C.ª, Lt.ª	2.000\$00
José dos Reis Teixeira	1.000\$00
António José Pereira Rodrigues	1.000\$00
Marias dos Sacrários — Calvários — de Guimarães	1.800\$00
Marias do Sacrário, do Pevidem, e sua Zeladora	1.000\$00
Jerónimo Ribeiro da Costa Sampaio	50\$00
P.ª Nêdo de Sousa (Seminarário do Porto)	100\$00
Prof. Mário de Sousa Meneses	80\$00
Dr. Alfredo Pinto (Vizomil, o Sr. José de Almeida, viúvo, industrial, pai do nosso amigo Sr. Manuel de Almeida e da Sr.ª D. Ana de Almeida e Silva, sogra da Sr.ª D. Adelaide Coelho Dias e do Sr. Henrique Fernando Carlos Soares e cunhado dos nossos amigos Srs. José Guimarães, abastado capitalista em S. Paulo (Brasil); João da Silva Guimarães, conceituado industrial; Francisco Pereira da Costa, Paulino Ferreira Leite e Gervásio da Silva.	100\$00
D. Valentina Torres Pinto, idem	50\$00
D. Amélia Torres Pinto, idem	50\$00
Luis Carlos Torres Pinto, idem	50\$00
A transportar	22.905\$00

Oferta para compra de flores para o Altar-Mór da Igreja de N.ª S.ª da Oliveira no dia da saagração, dos meunhos Pedro, José, Teresa, Amélia e Henriqueta Sotomayor Vaz Vieira — 250\$00.

Câmara Municipal

A Câmara Municipal em sua última sessão, deliberou entre outras coisas o seguinte:

Que se proceda à pavimentação da Rua da Liberdade desde o lugar da Cruz de Pedra ao Castanheiro; autorizar o pagamento da expropriação à Ordem de S. Francisco desta cidade, de 3 moradas de casas, situadas na Rua Padre Gaspar Roriz, no valor de 25 contos; aprovar o projecto para a obra de adaptação da antiga capela do cemitério Municipal, a casa mortuária e autorizar a respectiva obra.

Cena de facadas

No Largo da República do Brasil, Maria da Conceição Dias, solteira de 24 anos da freguesia de S. Jorge do Selho, deste concelho, ao serviço na escola de tiro que ali funciona, agrediu à facada por ciúmes, Maria da Conceição Pinto, solteira, de 20 anos, da freguesia da Bela Cruz, concelho de Aveiro, produzindo-lhe graves ferimentos na cabeça, ombro esquerdo e coxa esquerda; e Isménia de Jesus solteira, 19 anos empregada no carrousel Imperial, da freguesia de S. Pedro do Sul, concelho da Covilhã, causando-lhe ferimentos no ante-braço esquerdo.

A primeira foi conduzida ao Hospital da Misericórdia, onde ficou internada; e a segunda, depois de pensada, seguiu o seu destino.

Uma antepassada da Emissora Nacional no Cuanhama, em 1907

Quando andei lá pelo Cuanhama, em 1916, as distrações, tirando a chegada do correio, eram quase nenhuma.

Os jornais recebiam-se aos maços, às vezes de um mês, que se liam dois e três por dia, para demorem o entretenimento.

Isto, é claro, depois das cartas, que essas eram lidas, relidas e examinadas palavra por palavra.

Os poucos livros que cada um tinha andavam de mão em mão até exgotar essa biblioteca ambulante do posto onde estávamos e dos outros das redondezas, redondezas essas que iam até cem quilómetros e mais.

Lá de longe a longe aparecia um camarada que tocava algum instrumento, guitarra ou violino, que foram os únicos que por lá ouvi.

Guitarra não me recordo de quem a tocava, mas violino ouvi-o pelo Dr. Casimiro de Carvalho, actualmente no Hospital Militar do Porto, que, quando se decidia a fazê-lo perante nós todos, em audição de arte, enchia umas horas deliciosas da noite, com a sua perfeita e sentimental execução.

Fora disto só tínhamos o «bridge» à nossa disposição; esse, então, jogava-se pela manhã, de tarde, à noite e enquanto durava a iluminação do raciocínio, e lá estava em volta da mesa, na barraca dos de Infantaria 20, o alferes Martins Fernandes, o Dr. Rui de Lemos, o Dr. Manuel Bragança, o capitão Barreiros, o tenente Herculano Cardoso do Amaral, o tenente Oliveira, das metralhadoras, o tenente Roque de Aguiar, quando vinha à NGiva, e eu, quando podia escapar-me do serviço junto do Comando do Baixo Cunene, que não era tão pesado, que não me permitisse uma escapada de vez em quando, para fazer uma «perrinha», se os parceiros me dessem lugar.

O tenente José Vieira de Faria já tinha retirado, doente, por Benguela, e por isso nunca me encontrei com ele lá pela Huila; o alferes Gaspar Paill esse estava na Balunganga, onde o encontrei na passagem para NGiva, tendo como única distração os jornais, as cartas, o telefone e um ou outro que passava.

Ainda não havia rádios, nem mesmo o gramofone era coisa que aparecesse por lá, como anos depois sucedeu.

Isto, é claro, sucedia em ocasiões em que realmente nada havia que fazer, além do serviço diário, em que nem todos estavam ocupados ao mesmo tempo.

Depois, em Novembro desse ano, fui para Namacunde e raras vezes vinha à NGiva, mas ali as distrações continuaram a ser as mesmas, aparte alguns dias em que se ouviram meia dúzia de discos de um gramofone pertencente ao Residente Inglês e que, pela sua repetição, já enfastiavam.

Namacunde estava ligado por telefone à NGiva, onde havia uma central com linhas para Humba e Sá da Bandeira, para Cuamato e Evalé.

Pelo telefone ia mantendo uma conversa diária com os camaradas, pondo-me ao par do que por lá se passava, ou informando-os do que sabia por intermédio das notícias inglesas, que se recebiam mais frequentemente do que as nossas.

Em Namacunde havia, quer nos aposentos portugueses, quer nos dos ingleses, um órgão, que nem eu, nem o Residente Inglês sabíamos tocar, apenas um tenente inglês utilizava o deles para acompanhar o serviço religioso que aos domingos praticavam os oficiais e soldados ingleses.

Mas um dia, já depois das operações contra o Mandume, em 1917, foram lá visitar-me alguns oficiais meus camaradas da NGiva, entre os quais o Dr. Manuel Bragança, que «arranhava» o seu bocado de piano.

Lá esteve a acompanhar umas canções, que cantava com uma bela voz

de tenor, habilidade que até esse momento ninguém lhe conhecia.

Eu é que fiquei pesaroso, mais do que já estava, desde que vi esse instrumento sem o saber utilizar.

O Dr. ficou de me mandar umas canções que lá tinha e de me indicar as tónicas e o nome das notas, para eu tentar a aprendizagem de uma ou outra.

E assim sucedeu, trauteando pelo telefone a mesma música para eu apanhar o andamento e saber como havia de ligar as notas.

Enfim, um método de aprender música como qualquer outro, e este pelo telefone, e o certo é que, depois de muito martelar, de me enganar várias vezes, lá encarreirei uma canção, de que há tempos me recordava e já me passou. (Eterna Canção, letra de Júlio Dantas).

Quando me julguei habilitado, chamei o Dr. ao telefone, que estava junto do instrumento, pus-lhe o microfone de forma a apanhar bem os sons e emiti a minha produção.

Quando acabei, agarrei o telefone para saber o resultado e recebi muitas felicitações do Humba, do Evalé e do Cuamato e do próprio Dr., que disse, ao telefonista, para ligar essas linhas todas à central.

Depois o Dr. pediu-me para repetir e que não me enganasse porque ia cantar com o meu acompanhamento; foi um sucesso, calorosos cumprimentos de todos os lados e, como só um podia ouvir de cada vez, lá tive de repetir, eu em Namacunde e o Dr. na NGiva, a 50 quilómetros de distância, o nosso concerto, sempre o mesmo, até que já não podíamos satisfazer a rubrica — diga o que se fere — por eu estar cansado e o Dr. quase rouco.

Foi assim que se inaugurou a Emissora do Cuanhama no ano de 1917, aí por alturas de Março ou Abril.

Depois, como só tínhamos um número no programa, por eu não conseguir encarreirar mais nenhuma música, pedi ao Residente Inglês o velho gramofone, que ia desfiando diante do bocal do telefone os estafados e arranhados discos que, mesmo assim, faziam as delícias dos meus camaradas, nos tempos em que não havia rádios, nem Emissoras, nem Hora de Saudade.

A saudade só a podemos matar quando voltámos a Portugal e apertámos os nossos contra o peito.

E quantos não o puderam fazer, e por lá acabaram sem ao menos terem podido ouvir essa voz distante que todos os dias nos recorda a terra onde vivem os que nos são queridos!

Já lá vão 31 anos e estes acontecimentos já iam esquecendo...

E agora na Vila Pereira de Eça, antiga NGiva, há T. S. F., um campo de aviação e carreiras de camionetas, e muitas mais distrações, não contando os rádios para a Hora da Saudade.

Joguetes — Feijueiras, 17-7-48.

A. de Quadros Flores.

Molho de chaves

Está depositado na nossa redacção um molho de chaves que será entregue a quem provar pertencer-lhe.

AUTOMÓVEL, VENDE-SE.

Ver Garagem Auto-Mecânica Vimaranesense.

MÁQUINA DE PONTO ABERTO

VENDE-SE, em bom estado. Ver e tratar na Avenida Alberto Sampaio, 36 — Guimarães. 902

MATAR SAUDADES

III

Quando cheguei ao Porto, fomos logo surpreendidos, em S. Bento, por uma novidade pouco agradável e que cheirava e tresandava a uma coisa que então se chamava desordem e hoje se chama bolchevismo ou comunismo. Foi o caso que o povo soberano, a pretexto de barriga vazia, resolvera invadir de armas em punho o edifício da estação no patriótico intuito de esvaziar os armazéns, dos géneros que lá houvesse. A autoridade, é claro, tratava de pôr cobro e termo à audaciosa invasão dos esfarrapados, que, como sempre, não tinham fome, e muito menos sede, sendo, como é da praxe em tal fauna de gente,

autênticos odres de vinho e aguardente.

Mas antes que a autoridade metesse na ordem os discólos, e os expulsasse da estação, os passageiros do comboio foram delicadamente convidados a esperar nos salões e nos armazéns. Custou um pouco, porque já eram horas adiantadas da noite, mas é bem certo o velho ditado de que *necessitas caret lege*, e foi melhor esperar, do que receber alguma cutilada ou alguma paulada perdida.

Esta canalha que queria fazer mão baixa aos armazéns de S. Bento, era a mesma que poucos dias depois, por mão de um dos seus mais classificados membros e representantes, prostava sem vida na estação do Rossio o malogrado chefe Dr. Sidónio Pais. Era mais um acto da terrível tragédia que vinha sendo a vida portuguesa, erichada de esca-

As Gualterianas

Relembrando

(Retardado)

Ao serem publicadas estas linhas estará a velhinha cidade de Guimarães no gôso das suas incomparáveis Festas Gualterianas, que desde o seu início marcaram como altivez subido — se não o primeiro lugar — entre as mais pomposas e retumbantes de Portugal.

Lembro-me de que, sendo novato ainda, fui com meu falecido pai assistir ao seu nascimento. Apesar de frequentar bastante Guimarães ignorava de quanto eram capazes os vimaranenses. A cidade a um tempo laboriosa e pacata, estava completamente transformada: movimento extraordinário; ornamentações caprichosas; sacadas finamente adornadas, formavam um conjunto de beleza rara.

Fiquei extasiado. Julguei ter deixado este mundo tão cheio de canseiras e torturas e, sem que por tal desse, haver sido transportado à mansão celeste aonde só há gôso e alegria!

Assim foi passando o dia, certamente um dos mais felizes da minha vida, absorvido na doce contemplação de todo aquele cenário deslumbrante, expressão irrefutável do valor e bairrismo dos habitantes de Guimarães que ainda predominava e foram postos à prova, há um ano, numa ocasião crítica e dolorosa na construção da praça de toiros em menos de 5 dias.

Vem caindo a noite; e eis se não quando, aparece ao fundo da rua de Paio Galvão um cortejo luminoso, cuja presença era anunciada por uma girândola de foguetes.

De todas as ruas estão tão peçadas de gente que ninguém podia mover-se, dir-se-ia ficarem desertas, tudo acorrendo ao velho Toural, ao encontro do inédito e grandioso cortejo — a «Marcha Milanesa»!

E aquele movimento de gente de que somente se divisam cabeças, cada vez se comprimia mais e mais, e quase não a deixando percorrer o itinerário marcado, não obstante ir na sua frente, em suas montadas, um bom número de soldados de cavalaria, tal era o entusiasmo delirante que de todos se apossou.

Espectáculo maravilhoso aquele que causou assombro e que, volvidos que são longos anos, é, ainda hoje, um dos números mais atraentes das Festas Gualterianas.

Obra feliz do grande Mestre José de Pina e dos briosos e incansáveis empregados do comércio!

Assim nasceu a *Milanesa* hoje *Qualteriana*, que tendo sido *macaqueada* por várias terras de Portugal, ela conserva ainda a sua característica original, tem mais pujança de

abundância e ameaçada de sangrentos cataclismos. O gigante que bala criminosa liquidava em pleno coração de Lisboa, pagava assim o *grande crime* de querer salvar a nação desses cataclismos e dessas aberrações que tanto nos desacreditavam lá fora. O sentimento que o gesto de um tresloucado provocou nas almas simples e amantes do bem da comunidade, foi geral de norte a sul. Guimarães não podia ficar indiferente perante o repelente atentado comandado pelas seitas, e procurou desde logo prestar a sua sentida homenagem ao grande Morto. Resolveu-se pois sufragar a sua bela alma com solenes exéquias no templo da Oliveira.

vida, é cada vez mais bela porque... porque nasceu em Guimarães e... é só de Guimarães!

Viva Guimarães!

C. R. C.

Câmara M. de Guimarães

Anúncio de Concurso

DR. AUGUSTO GOMES DE CASTRO FERREIRA DA CUNHA, Vice-Presidente em exercício da Câmara Municipal do Concelho de Guimarães:

FAZ PÚBLICO que, em harmonia com a deliberação da Câmara Municipal deste concelho, tomada em sua reunião ordinária de 28 de Julho findo, se acha aberto concurso documental, pelo espaço de 30 dias, a contar da data deste, para o provimento por meio de contrato, do lugar vago de encarregado dos Serviços de Limpeza e Higiene, deste Município, vaga essa ocorrida pela nomeação do seu antigo Serventuário para os Serviços Municipalizados de Água desta Câmara.

Os concorrentes devem instruir os seus requerimentos com os documentos enumerados nos números 1 a 8 do art.º 460.º do Código Administrativo.

E para constar se passou este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do costume. Paços do Concelho e Secretaria da Câmara Municipal, aos 5 de Agosto de 1948.

O Vice-Presidente da Câmara, 938 em exercício,

Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha.

Irmandade de Nossa Senhora da Consolação e Santos Passos

Ampliação do dormitório do Asilo de Mendicidade

Até às 15 horas do dia 14 do próximo mês de Agosto do corrente ano, esta Irmandade, de harmonia com a sua deliberação, em reunião de 23 do corrente, aceita propostas, em carta fechada, para adjudicação da obra acima referida, a qual se efectuará nesse mesmo dia, reservando-se, porém, o direito à Irmandade de se proceder à sua entrega só na reunião imediata ou mesmo de não fazer a adjudicação, se assim julgar conveniente aos interesses da Irmandade.

O programa do concurso e caderno de encargos a cujas condições o adjudicatário fica obrigado, acham-se patentes na Repartição do Turismo, onde todos os dias úteis, das

circunstância para eu poder conhecer por dentro e por fora o actual Capelão da Ordem do Carmo do Porto, que então todos conheciam pelo título de *Abade d'Anta* e que é o Padre Manuel Esteves Ferreira. De trato fidalgo e afável, fez-nos bem aquela companhia de dias, em que pudemos apreciar os fulgores do seu peregrino talento e as finezas do seu belo coração de sacerdote e amigo.

Sem que para tal tivesse vindo, como estava ali, os promotores da homenagem a Sidónio Pais acharam que uma oração fúnebre daria novo e subido realce a essa homenagem da fina flor da nobreza vimaranense, e houveram por bem convidar o Abade de Anta para esse serviço oratório. Embora convidado assim de chofre, o eminente orador não declinou o convite, dando-nos assim ensejo de ouvir e admirar uma sublime peça de clás-

REPRESENTAÇÕES

Aceitam-se directamente do fabricante, para África, de todos os artigos, como: *Kakis, Zuertes, Cobertores, Peúgas, Camisaria em riscado, etc.*

Resposta a:

Beja & C.ª, L.ª da
P. dos Restauradores, 13
LISBOA

CARVALHELOS

A ÁGUA QUE CURA!

Aguas minero-medicinais e de Mesa.

Bacteriológicamente puríssimas e fortemente radioactivas.

Indicadas no tratamento das doenças da pele e do aparelho digestivo (rins, fígado e intestinos).

MUITO LEVE, de sabor agradável e delicioso como AGUA DE MESA.

As águas de Carvalhelhos não se alteram com o tempo, conservando a sua forma inicial, podendo ser ingeridas em grandes quantidades não produzindo a menor sensação de peso.

A' venda em todo o País, em garrafas de 5 litros. Brevemente na tara de garrafa de 1 e 1/4 de litro.

974

DEPOSITÁRIO NO CONCELHO:
RODRIGO FERNANDES ABREU
Largo da República do Brasil.

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.



Casa fundada em 1838

ESCRITÓRIOS: Rua Nova da Alfândega n.º 67 — PORTO com Armazens de Retem e Depósitos (Área coberta: 3.000 metros quadrados)

EM MATOSINHOS: R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivans n.º 803

Telefones: 21078 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

V ENDE - SE

Casa de 2 andares, com 2 frentes, quintal, ramadas e árvores de vinho, situada no lugar da Lameira — Taipas. Informa C. R. Capela. 933

Automóvel-Vende-se

FORD (Eifel) 10 C.V. ano 39. Bom estado, boa mecânica. Falar Fábrica Vila Flor. 939

circunstância para eu poder conhecer por dentro e por fora o actual Capelão da Ordem do Carmo do Porto, que então todos conheciam pelo título de *Abade d'Anta* e que é o Padre Manuel Esteves Ferreira. De trato fidalgo e afável, fez-nos bem aquela companhia de dias, em que pudemos apreciar os fulgores do seu peregrino talento e as finezas do seu belo coração de sacerdote e amigo.

Sem que para tal tivesse vindo, como estava ali, os promotores da homenagem a Sidónio Pais acharam que uma oração fúnebre daria novo e subido realce a essa homenagem da fina flor da nobreza vimaranense, e houveram por bem convidar o Abade de Anta para esse serviço oratório. Embora convidado assim de chofre, o eminente orador não declinou o convite, dando-nos assim ensejo de ouvir e admirar uma sublime peça de clás-

sica dição e de gesto requintadamente sóbrio e modelar.

Este e outros espectáculos de fé, que a cada passo se desenrolavam na Oliveira, sob a direcção sábia do meu primo, mestre na arte de dirigir alunos, organizar festas e de alindar altares, cada vez me prendiam mais a Guimarães. O trabalho não faltava, graças a Deus, mas era trabalho abençoado, que a boa vontade tornava leve e suave.

O pior estava para vir: era a terrível *pneumónica* que tantas vidas ceifou, em Guimarães e fora de Guimarães. Felizmente a epidemia não nos apanhou em falso e correndo de casa em casa, de tugúrio em tugúrio, quantas e quantas almas ajudámos a subir ao Céu naqueles sombrios e pavorosos dias, de tantas lágrimas e de tanto luto!

Que Deus tenha a todos em sua santa guarda!